

LARA CHRISTINA DE MALIMPENSA

**DE OLHOS NO CHÃO**

Já falei pro Josivaldo: se ele gostasse de passarinho, não colocava na gaiola. Entre gostar de passarinho e gostar de ter passarinho, tem diferença.

Nunca gostei de ver bicho em gaiola. E vim parar aqui, neste jardim zoológico.

He rdei o dom da minha avó que enxergava tristezas. De todos os tipos, mas principalmente as que mancham. Sim, porque nem todas têm a densidade que faz tristeza virar mancha.

Tristeza de verdade vira uma tacha, de tamanho variado. Quando vem desses golpes que a vida desfere num repente, já nasce grande. Às vezes, começa num salpico, e vai engrandecendo, ou não. No caso do bicho enjaulado, costuma avultar. Aparece num ponto qualquer de seu corpo, escura. Quando fica do tamanho do corpo, é sinal que a morte não tarda.

Enxergar tristeza é uma sina. Tento não olhar pra dentro das jaulas. O dia inteiro, mantenho o olhar fixo no movimento da vassoura e nos restos que o chão não rejeita.

Também não olho pros outros, os de fora da jaula, que olham o bicho, mas não enxergam a tristeza do bicho. Não olham pra mim e não olho pra eles. Finjo que não sou um deles. Tenho vergonha.

Eles vêm aos bandos, olhar o bicho encurralado na solidão. Falam o tempo todo. E o bicho ali, calado, aquela dignidade de quem sofre em silêncio, aquele silêncio compacto de bicho que sofre, principalmente se já viveu onde devia, longe do homem, e não esqueceu.

*Crescei e multiplicai-vos.* Se Deus fosse vivo, garanto que não repetia uma coisa dessas. Ficava quietinho, olhando o movimento macio de uma onça pintada. Pintada, mas sem mancha.